



Como dizia o poeta

Os infinitos sonetos de Vinícius



Continuando com o Ciclo Cultural “Vivendo Vinícius. Poetinha Poetão”, o dia 31 de maio Casa do Brasil ofereceu um bate-papo sobre os sonetos do poetaço **Vinícius de Moraes** (ver *JornalDaCasa* #18).

A partir de “**Poemas, sonetos e baladas**” (1946) Vinícius consegue mostrar seu verso legítimo, tanto pelo uso mais regular das métricas e das formas fixas tradicionais, quanto pela busca de um novo modo de encontrar o **infinito**. É nesse livro que, segundo o professor Antônio Cândido, pode-se encontrar o “Vinícius inteiro”. O soneto já havia aparecido timidamente em sua primeira fase, mas toma fôlego com “**Novos Poemas**” (1938) e surge pleno nesta publicação, continuando ainda na “**Antologia Poética**” (1954) e, finalmente, compondo na íntegra o “**Livro dos Sonetos**” (1957). O poeta que, em seus primeiros livros, estava afogado nos longos versos retóricos, percebe que sua poesia precisava de uma forma capaz de disciplinar seus impulsos naturais e de expressar sua veia mais lírica e, dentre as formas fixas que começa a utilizar, o soneto é a que traduz sua maior força.

No “**Soneto de Separação**” (Oceano Atlântico, 1938), o poeta -que contava com a eternidade da relação amorosa perfeita- enfrenta os desencontros do amor que percorrem a vida cotidiana. A perturbação do eu-lírico ante a separação é tanta que a locução adverbial *de repente* abre e fecha o poema, e aparece seis vezes ao longo do soneto, marcando bem que o modo abrupto como a separação acontece é responsável pelo *fez-se o espanto*. O reconhecimento dessa dor foi uma espécie de mola para que Vinícius começasse a reorganizar o que esperava do amor em sua poesia.

O “**Soneto de Fidelidade**” (Oxford, 1938), traz as primeiras linhas em busca de um amor que consiga congrega em si a plenitude almejada e o possível dado pela realidade. Antes e acima de tudo, Vinícius será fiel ao conceito de *meu amor*, que viverá de maneira intensa e constante, *em cada vão momento*, para que quando a morte ou a solidão vierem lhe procurar, possa dizer que o amor que criou não pôde ser imortal, porque a realidade não permitia, mas pôde ser infinito porque ele o criou independentemente do tempo de duração.



No “**Soneto do Maior Amor**” (Oxford, 1938) o eu-lírico apresenta a sua *lei de cada instante*, necessária para que o novo modo de amar proposto em sua poética pudesse alcançar seus ousados objetivos. Vale ressaltar que uma rápida leitura pode causar estranheza, afinal não se pode pensar que um ser apaixonado não deseje ser correspondido, mas, segundo o texto, é exatamente a rejeição que pacifica esse imenso amor, que se agrada *mais da eterna aventura... que de uma vida mal-aventurada*.

Em “**Poética I**” (Nova York, 1950), pode-se notar a consciência do poeta sobre a maneira de transfigurar a realidade do tempo e do espaço em sua poesia. O modo distinto de reagir aos diferentes momentos do dia: de manhã, quando se espera a claridade total, ele escurece; de dia, quando deveria arder ao brilhar do sol, tarda; na hora do cair da claridade, ele escurece totalmente; e de noite, sob o fresco luar, arde. Essas reações apontam para a sua estranheza com relação ao mundo que vive. Ele subverte a lógica da luz solar, fazendo com que esta não interfira de sua rotina. Essa nova lógica, não só aparece em relação ao tempo, mas também ao espaço. A primeira ideia é a localização da morte, que fica no oeste (não por acaso, o lugar do pôr do sol), o leste é o norte (a direção a seguir) do eu-lírico. O leste é seu objetivo, não sua localização, porque ele está preso ao sul (ao chão). Essa busca por um lugar que fique entre o céu e o inferno e que ao mesmo tempo, siga em direção à eternidade é exatamente o caminho que Vinícius parece trilhar em sua lírica. *Outros que contem passo por passo* dá conta que o eu-lírico tem noção de que os outros seguem um curso diferente do seu, mas não impede que ele construa seu próprio modo de ver o mundo, que está para além das convenções.

Com o “**Soneto do Amor Total**” (Rio de Janeiro, 1951), Vinícius reforça a ideia de que para chegar à plenitude seria preciso entrar em uma nova realidade, capaz de dar total liberdade para que o sujeito amasse *como amigo* e *como amante*, realizando uma espécie de enlace entre o amor pleno, cantado pelos renascentistas, e o amor

sensual e corriqueiro. Platão exaltava a alma e menosprezava o corpo. Vinícius, no entanto, declama que corpo e alma são indissolúveis para que o sentimento alcance seu ponto máximo. Que o amor é uma das respostas que o homem inventou para olhar a morte de frente, e que, além da felicidade ou infelicidade, o amor é intensidade, esse minuto no qual se entreabrem as portas do tempo e do espaço: aqui é mais além e agora é sempre.

O “**Soneto do Amor como um Rio**” (Montevidéu, 1957) dá mostras de serenidade do homem ao sentir a imensidão do amor que havia criado e a certeza de que esse modo pessoal de amar era possível dentro de sua lírica. Até esse momento, o que imperava era o uso do modo verbal no subjuntivo e a partir dali, começa a mudar para o indicativo. Essa transformação é relevante porque no emprego do subjuntivo, o falante encara a existência como uma hipótese, algo incerto, duvidoso ou mesmo irreal; quando se usa o indicativo, a atitude é completamente diversa, o fato expresso é tido como coisa certa e real, seja no presente, no passado ou no futuro. Nesse caso, o amor cantado pelo poeta não é uma suposição, é uma certeza do sujeito envolvido na relação. E como essa experiência amorosa é assim tão grande, não há instrumento criado pelo homem capaz de calculá-la, e nem palavra exata para defini-la em toda sua magnitude; daí a necessidade de recorrer (novamente) ao *infinito*, que denota o que é imensurável.

O “**Soneto da Hora Final**” (Montevidéu, 1960) carrega toda a leveza e a suavidade de uma voz lírica que encontrou o desfecho sonhado para sua história de amor, numa espécie de iluminação do amante, que percebe que nunca estará sozinho, mesmo quando a morte chegar. Não existe sentimento de recusa ou surpresa diante da morte, ela é vista como a conclusão natural de uma caminhada, tanto que o *de repente*, já não apresenta o tom de perplexidade que tinha no “Soneto de Separação”.



Se no “Soneto de Fidelidade”, a morte e a solidão surgiam como problemas humanos insuperáveis (*Quem sabe a morte, angústia de quem vive / Quem sabe a solidão, fim de quem ama*), neste poema a questão foi solucionada porque já não existe a impressão dilacerante de ter vivido em vão. A vivência amorosa cristaliza-se e perpetua-se como um bálsamo capaz de cicatrizar a mais cruel das feridas.

Essa reflexão sobre o amor e a certeza da totalidade lançaram Vinícius para fora de suas contingências pessoais e acabaram por alçar seu verso para o infinito –onde ele se encontrou com a impessoalidade– abrindo espaço para que todos pudessem aproveitar o resultado de seus esforços. Isso pode ser constatado no “**Verbo no Infinito**” (Rio de Janeiro, 1960) no qual, de certa forma, resume e arremata sua postura diante do amor e da poesia como caminho para o grande encontro. O que mais importa resgatar é que depois da desilusão que a separação dos amantes provoca ainda há fôlego para acreditar que um novo amor virá

que deve ser revivida eternamente, ou seja, o poeta não se submete a uma noção do tempo linear, moderna, senão que para o poeta o tempo é uma sucessão de pequenos tempos cíclicos, que são eternos em si, infinitos enquanto duram.

Em síntese, a preocupação com o **amor** foi sem dúvida a pedra fundamental da produção poética de Vinícius de Moraes. Foi o âmagô da sua poesia e o motor que fez girar seu pensamento e sua linguagem individual mais límpida. O anseio por uma experiência amorosa que fosse infinita, apesar da mortalidade iminente e das limitações do mundo prosaico, levou o poeta a criar um modo pessoal para compreender e disseminar um novo jeito de amar e conhecer o amor plenamente. Um amor que fosse **imortal** e pleno, que transformasse o pequeno instante do encontro no Infinito. Esse amor fez-se carne e encontrou nos sonetos a forma mais adequada para cantar o sentimento particular que brotava na lírica amorosa de Vinícius.



Venha e me dê sua mão porque sou seu irmão na vida e na poesia...

Continuando com o **Ciclo Cultural “Vivendo Vinicius. Poetinha Poetão”**, Casa do Brasil tem imenso prazer em convidá-lo a participar da **Maratona de Leitura**, na qual alunos, professores e amigos interpretaremos poemas do eterno **Vinicius de Moraes**.

O evento, que será temperado com uma **feijoada e música** ao vivo, acontecerá no sábado **17 de agosto**, das **13 às 17 horas**, no **Hotel InterCity** (Ibiray 2398, esq. Echeverría - Punta Carretas).

Ingressos limitados à venda na Casa do Brasil,
Bulevar España 2469, telefone 2706.6738.
Venda antecipada: \$290.
Depois do dia 14 de agosto: \$370.

Escolha um poema e participe conosco desta homenagem!





O mundo é uma bola

Atlético Mineiro campeão da Taça Libertadores



Na noite do 24 de julho, no Mineirão, em Belo Horizonte (MG), o Atlético Mineiro venceu o Olímpia de Paraguai nos pênaltis e realizou o sonho da Massa Alvinegra, conquistando -pela **primeira vez**- a Taça Libertadores da América, tendo o ataque mais positivo da competição (29 gols) e a seu artilheiro, Jô (7 gols).

Fundado em 25 de março de 1908, o Atlético Mineiro conquistou, seis anos mais tarde, o primeiro torneio de futebol realizado em Minas Gerais, a Taça Bueno Brandão. Em 1915, venceu o primeiro campeonato oficial de futebol do Estado e hoje é o maior vencedor do **Campeonato Estadual**, com 42 títulos. Também conquistou os torneios **Campeão dos Campeões** (1937 e 1978), o primeiro **Campeonato Brasileiro** (1971) e a **Copa Conmebol** (1992 e 1997). Seus maiores artilheiros ao longo de sua história são: **Reinaldo** (255 gols), Dario (211) e Mário de Castro (195), e o treinador que mais dirigiu o time é **Telê Santana**, com 434 jogos.

Em 1945, o chargista Mangabeira, a pedido do Editor do Jornal Folha de Minas, recebeu a incumbência de desenhar a **mascote** do clube. Preocupado em criar uma mascote que se identificasse com as características da torcida e do time, ele desenhou o **Galo** forte e vingador, que simbolizava a bravura com que a equipe jogava. “O Atlético sempre foi um time de raça. Mais parece um galo de briga, que nunca se entrega e luta até morrer”, disse o chargista à época.

Um grande popularizador da mascote foi o ex-jogador **Zé do Monte**, que defendeu o Atlético nos anos 50. No período em que atuou no clube, ele entrava em campo segurando um galo.

Em 1962, na véspera do seu aniversário, foi fundada a sede social e administrativa do Atlético, no Bairro de **Lourdes**, região nobre de Belo Horizonte.

Em nota oficial, a presidenta da República, **Dilma Rousseff**, felicitou ao “meu querido Clube Atlético Mineiro (por quem) aprendi a gostar de futebol indo, ainda criança, ao estádio do Mineirão assistir aos seus jogos... Parabéns não apenas pela vitória... mesmo diante de um resultado adverso, não desistirem, não esmorecerem e, por isso mesmo, se superarem”.

Com a conquista da Taça Libertadores, o Atlético é o **décimo** time do Brasil a conquistar esse torneio continental e o país alcançou um feito inédito nos 54 anos de história da Libertadores: o Brasil é o primeiro a ganhar quatro **títulos consecutivos** com equipes diferentes. A série começou em 2010, com o Inter, e continuou com o Santos em 2011, Corinthians em 2012 (ver JornalDaCasa #3) e, agora, com o Galo.

Assim, o Atlético representará à Conmebol no Campeonato Mundial de Clubes da Fifa, que será disputado de 11 a 21 de dezembro, no Marrocos.



Ao pé da letra

De volta pro aconchego

A história de **Dominguinhos** (1941-2013) é a do menino imigrante de Garanhuns (PE), que foi com a família para o Rio de Janeiro (primeiro para Nilópolis, onde trabalhou por muito tempo como entregador de tinturaria) e se tornou um astro nacional da sanfona, parceiro de grandes medalhões da MPB, como Gilberto Gil, Maria Bethânia e Toquinho. Mas não da noite para o dia. No começo, ele teve que tocar música americana, francesa e até bossa nova em boates, cabarés e gafieiras. Dos muitos anos em que tocou em emissoras de rádio, Dominguinhos aprendeu a lição de que "sanfoneiro que se preza tem que saber acompanhar tudo".

Avesso a viagens de avião, Dominguinhos foi um dos artistas que mais tempo passou nas estradas, a fim de cumprir sua alentada agenda de shows de norte a sul no país. Tão prolongadas ausências o levariam a compor uma música inspirada no prazer do retorno ao lar, dos reencontros com a mulher e a filha. Assim, orientou o parceiro **Nando Cordel** a fazer uma letra nesse sentido, enviando em seguida a composição, um baião, numa fita para **Elba Ramalho**, que escolhia repertório para o seu próximo disco. No entanto, a cantora reprovou a composição, por ter andamento rápido, ao mesmo tempo em que convidava Dominguinhos a participar do disco. Já no estúdio, ele retornou ao assunto, mostrando-lhe a música, desta vez transformada numa canção lenta. "É desse jeito que eu queria", entusiasmou-se Elba, ao que o compositor retrucou: "mas esta é a música da fita..." Imediatamente, **Dori Caymmi** fez o arranjo de base, a sessão rítmica que é registrada em primeiro lugar, e "De volta pro aconchego" foi gravada, com uma Elba emocionada, acompanhada pelo violão de Dori e a sanfona de Dominguinhos.

Com o sucesso da novela "Roque Santeiro", o maior do ano em matéria de televisão, a canção, incluída em sua trilha sonora, invadiu as paradas radiofônicas, permanecendo nas

primeiras colocações por todo o tempo em que a telenovela foi exibida. Detalhe: como a melodia não resolve na tônica, enseja uma coda instrumental que acabou por servir de fundo musical aos aplausos do público, sempre que a música é cantada ao vivo.

Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo
Um sorriso sincero, um abraço,
Para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade
Que bom,
Poder tá contigo de novo,
Roçando o teu corpo e beijando você,
Pra mim tu és a estrela mais linda
Seus olhos me prendem, fascinam,
A paz que eu gosto de ter.
É duro, ficar sem você
Vez em quando
Parece que falta um pedaço de mim
Me alegre na hora de regressar
Parece que eu vou mergulhar
Na felicidade sem fim.



Discos onde ouvir

Elba Ramalho – Fogo na mistura (1985)
Nando Cordel – Acústico (1999)
Dominguinhos – Ao vivo (2000)



Telinhas e telonas

Empreguetes com charme pra caramba



Produzida pela Rede Globo, estreou nas telinhas uruguaias, "**Cheias de Charme**", a nova novela das 6 (Canal 12), com direção de núcleo de Denise Saraceni.

Maria da Penha (**Taís Araújo**, esquerda), Maria do Rosário (**Leandra Leal**, centro) e Maria Aparecida (**Isabelle Drummond**, direita) são empregadas domésticas de um condomínio de luxo carioca, que se conheceram na cadeia e, por um golpe de sorte -e de talento-, conseguiram mudar seu destino.

Rosário é a cozinheira que quer virar cantora. Fã enlouquecida do cantor Fabian (**Ricardo Tozzi**), o "Príncipe das Domésticas", se verá dividida quando for cortejada pelo ídolo e se apaixonar por Inácio (Ricardo Tozzi), um rude motorista que é a cópia fiel do astro.

Cida é uma Cinderela: a garota ingênua que descobre que é bem mais do que a arrumadeira da família que a criou, os Sarmento. A princípio, namorada do grafiteiro Rodinei (**Jayme Matarazzo**), cairá nas garras do ambicioso Conrado (**Jonatas Faro**), que a usará para subir na vida. Mas só encontrará amor verdadeiro nos braços do advogado pobretão Elano (**Humberto Carrão**).

Penha é a guerreira que criou os dois irmãos, Elano e Alana (**Sylvia Nazareth**). Ultimamente sustenta o marido malandro, Sandro (**Marcos Palmeira**). Sua bonita relação de amizade com a patroa, a advogada Lygia (**Malu Galli**), passará por todo tipo de provações.

A vida das três Marias será infernizada pela cantora Chayene (**Cláudia Abreu**), uma piauiense que conquistou sucesso nacional fulminante com o "*Xote da Brabuleta*". Com um repertório que vai do *forró techno* ao *brega pop*, já sacudiu multidões nos seus shows superproduzidos. Hoje, amarga uma má fase: não vende mais CDs, nenhuma faixa nova emplacou, os homens escassearam, a juventude começa a fazer falta. Chayene sente o sucesso lhe escorrer pelos dedos e isso ameaça seu ego descomunal. Ela encontra apoio em Laércio (**Luiz Henrique Nogueira**), seu fiel escudeiro, e na "*curica*" Socorro (**Titina Medeiros**), sua fã conterrânea que faz qualquer coisa para ficar ao seu lado.

Chayene é patroa de Penha no começo da história, e de Rosário logo depois. Viverá um namoro midiático com o cantor Fabian, a quem apadrinhou para o sucesso. E será uma eterna pedra no sapato das **Empreguetes**, o trio de cantoras que transforma as Marias em celebridades da noite para o dia a partir do sucesso de um vídeo clipe lançado na Internet.

"Cheias de Charme" teve o mérito de tirar proveito da Internet -até pouco tempo considerada uma concorrente da TV aberta- transformando-a numa poderosa aliada: a novela foi pioneira numa ação de **transmedia**: o clipe das Empreguetes, divulgado pelos personagens da trama, foi lançado no site da novela, mas só apareceu na TV no capítulo seguinte, depois ter recebido milhões de visualizações na rede.

Primeira novela dos autores novatos **Filipe Miguez** e **Izabel Oliveira**, em tempos em que personagens ricos já não protagonizam mais



novelas sozinhos, a trajetória de sucesso das três empregadas domésticas virou um verdadeiro fenômeno de repercussão, marcado pelo humor, criatividade e originalidade.

Perguntado de onde surgiu a ideia de escrever sobre o universo das empregadas domésticas, respondeu Filipe Miguez: "A Izabel e eu gostamos de tramas de novela que envolve mulheres e nos demos conta de que, entre as várias relações possíveis entre duas personagens femininas, o universo **patroa/empregada** ainda era pouco explorado, mesmo sendo um tema tão brasileiro, parte tão presente do nosso cotidiano. Poucas vezes empregadas domésticas foram protagonistas em novelas, mesmo sendo a maior categoria profissional feminina no país."

A indústria do entretenimento real misturou-se ao entretenimento da ficção. O colorido dos shows de **tecnobrega** inspiraram os cenógrafos, figurinistas e a direção de arte da novela. A identidade visual deu o tom que o roteiro exigia, encheu os olhos.

Sobre o figurino extravagante de Chayenne, que foi inspirado em Madonna, Beyoncé e **Joelma** (vocalista da banda Calypso), Cláudia Abreu contou que só deu uma sugestão: "Eu quis que ela tivesse um strass bem em cima dessa pinta que tenho no queixo."

Cláudia Abreu e (a revelação) Titina Medeiros, protagonizaram as mais divertidas cenas, em meio a confusões, escorregadas no português, troca de nomes (Rosalba, Roxana, Rosilda, Rosirinha) e expressões que caíram na boca do povo (como "curica" e "amadinha"). Também brilharam as personagens batalhadoras de Taís Araújo e Malu Galli, e os vilões bem defendidos por **Tato Gabus Mendes** e **Alexandra Richter**.

Em "Cheias de Charme", a **música** tinha um papel fundamental na vida dos protagonistas. Do funk carioca ao sertanejo universitário, passando pelo tecnobrega e o forró, a música popularíssima brasileira agitou a novela. "Cheias de Charme" era, acima de tudo, uma

novela musical, que começou as gravações durante um show do cantor Michel Teló, numa casa noturna da Barra, no Rio de Janeiro, e contou com a participação de vários cantores, que atuaram com os personagens-cantores da novela. Sobre este assunto, os autores tiveram a orientação do antropólogo **Hermano Vianna**.

As letras das músicas cantadas na novela eram obra do produtor musical **Sérgio Saraceni**, escritas especialmente para a trama. A coreografia dos shows ficou a cargo de **Fly**, que fez parte do grupo "You Can Dance" na década de 1990.

Foi tanto o sucesso que o programa **Fantástico** lançou o concurso "a empregada mais cheia de charme do Brasil", onde as candidatas mandavam vídeos. E as novelas contemporâneas foram citadas dentro da trama: teve até propaganda da novela substituta, "Guerra dos Sexos", no penúltimo capítulo. No final na novela, chegou às lojas o DVD com os cliques das músicas cantadas na novela pelas Empreguetes, Chayene e Fabian, com as participações especiais de **Zezé Di Camargo & Luciano**, **Michel Teló** e **João Netto & Frederico**.

Já finalizada a novela, em dezembro de 2012, as Empreguetes, Chayene e Socorro, subiram ao palco para cantar com **Roberto Carlos** em seu Especial de Natal.





Boca no trombone

Rock in Rio por um mundo melhor

Entre os dias **13 e 21 de setembro**, Rio de Janeiro acolherá, mais uma vez, o maior festival de música do mundo. Nascido na capital carioca em **1985**, sempre com a intenção de levar todos os estilos de música para os mais variados públicos, o *Rock in Rio* converteu-se ao longo de quase 30 anos- em dono de uma história de destaque no cenário musical, com **12 edições** realizadas no **Brasil** (1985, 1991, 2001 e 2011), **Portugal** (2004, 2006, 2008, 2010 e 2012) e **Espanha** (2008, 2010 e 2012), reunindo mais de **6,5 milhões** de espectadores, que aplaudiram ao vivo, **968 artistas**. Foram mais de **980 horas** de música, com transmissão para mais de **1 bilhão** de telespectadores, em **200 países** pela TV e pela internet.

Muito mais que um evento musical, o *Rock in Rio* se tornou completo e abrangente ao abordar temas como **sustentabilidade** e responsabilidade socioambiental, assumindo o compromisso de conscientizar as pessoas que, com pequenas atitudes no dia a dia, dá pra fazer do mundo um lugar melhor. Esse sentimento permeia a história do festival, mas tomou forma concreta em **2001** quando o início das apresentações do primeiro dia do evento foi marcado com o ato simbólico de três minutos de **silêncio** e pelo toque de sinos e da libertação de pombas brancas, representando um pedido pela paz mundial.

Já naquela 3ª edição, parte da renda do festival foi utilizada em **projetos sociais**. De lá pra cá, mais de 16 milhões de dólares foram investidos em ações que incluem o plantio de 93 mil árvores, a construção de uma escola na Tanzânia e um centro de saúde no Maranhão, a educação de 3.200 jovens no ensino fundamental no Rio de Janeiro, a instalação de 760 painéis solares em 38 escolas públicas em Portugal, a instalação em ONGs de 14 salas sensoriais para melhorar a qualidade de vida de milhares de crianças portadoras de necessidades especiais em Portugal, a doação de mais de

2.200 instrumentos para cerca de 150 instituições sem fins lucrativos, a construção de 10 salas de música em escolas públicas e a formação em Assistente de Luthier a 40 jovens de uma das primeiras comunidades pacificadas do Rio de Janeiro. Com o slogan “Lixo no lixo, Rio no coração”, o tema principal para este ano será uma campanha de conscientização por um Rio de Janeiro mais limpo.

Na programação deste ano, destacam-se os artistas **internacionais** Beyoncé, David Guetta, Justin Timberlake, Mettálica, Alice in Chains, Bon Jovi, Bruce Springsteen e Iron Maiden, assim como os **brasileiros** Ivete Sangalo, Maria Rita, Capital Inicial, Nando Reis, Jota Quest, Sepultura, Mallu Magalhães, Lenine, Fernanda Abreu e Skank, entre muitos outros. O festival vai homenagear um nome lendário do Rock nacional: **Cazuza**. Na primeira noite do *Rock in Rio*, Frejat conduzirá o show “Cazuza - O Poeta Está Vivo”, que terá participações mais que especiais do calibre de Ney Matogrosso, Maria Gadu, Bebel Gilberto, Rogério Flausino e Paulo Miklos, e direção musical do aclamado produtor nacional Liminha.

Mais de **2.500.000** acessos recebeu o site no primeiro dia de vendas de ingressos (4 de abril), esgotando tudo em apenas 4 horas. Ainda assim, a organização do evento anunciou que os patrocinadores e parceiros realizarão ações para presentear os fãs com bilhetes para o evento.

“Aberto às inúmeras tribos da sociedade moderna, o *Rock in Rio* acolhe a **diversidade cultural**, aproxima os diferentes e constrói pontes entre valores e gerações, motivando não só os jovens, mas famílias inteiras”, afirmou Roberto Medina, presidente do *Rock in Rio*. “Porque essa é a essência do festival, concebido e produzido a partir de uma filosofia que pode ser resumida em três palavras luminosas: convergência, convivência e evolução”.